



NO
JOGO



Amostra

SÉRIE INTO DARKNESS

NO JOGO

NAVESSA ALLEN



Tradução de
Eveline Machado

AN ALTA
NOVEL

No Jogo

Copyright © 2026 ALTA NOVEL

ALTA NOVEL é um selo da EDITORA ALTA BOOKS do Grupo Editorial Alta Books (Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.)

Copyright © 2026 NAVESSA ALLEN

ISBN: 978-85-508-3037-7

Translated from original Game On. Copyright © 2026 by Navessa Allen. ISBN 9781638932277. First published in the United States by Zando. Translation rights arranged with Sandra Dijkstra Literary Agency and Sandra Bruna Agencia Literaria, SL. All rights reserved. PORTUGUESE language edition published by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda., Copyright © 2026 by Starlin Alta Editora e Consultoria Ltda.

Impresso no Brasil – 1ª Edição, 2026 – Edição revisada conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 2009.

**ATENÇÃO: esta obra aborda diversos temas sensíveis.
Para mais detalhes, verifique a página 5.**

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

A43n
Allen, Navessa.
No Jogo / Navessa Allen; tradução de Eveline Machado. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Alta Books, 2026.
424 p. : 13,7 x 20,5 cm.
ISBN 978-85-508-3037-7
1. Ficção. 2. Literatura estrangeira. 3. Romance contemporâneo. 4. Exotismo na literatura. 5. Romance norte-americano. I. Machado, Eveline, trad. II. Título.
CDD 813

Índice para catálogo sistemático:

1. Romances: Literatura norte-americana (813)

Todos os direitos estão reservados e protegidos por Lei. Nenhuma parte deste livro, sem autorização prévia por escrito da editora, poderá ser reproduzida ou transmitida. A violação dos Direitos Autorais é crime estabelecido na Lei nº 9.610/98 e com punição de acordo com o artigo 184 do Código Penal.

O conteúdo desta obra foi formulado exclusivamente pelo(s) autor(es).

Esta é uma obra de ficção. Os nomes, personagens, lugares, organizações e situações retratadas são produtos da imaginação do autor. Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, eventos ou localidades é mera coincidência.

Produção Editorial: Grupo Editorial Alta Books
Diretor Editorial: Anderson Vieira
Vendas Governamentais: Cristiane Mutús
Coordenadora Editorial: Illysabelle Trajano

Produtora Editorial: Beatriz de Assis
Tradução: Eveline Machado
Copidesque: Nathalia Marques
Revisão: Denise Himpel
Diagramação: Natalia Curupana


ALTA BOOKS
GRUPO EDITORIAL

Rua Viúva Cláudio, 291 – Bairro Industrial do Jacaré
CEP: 20.970-031 – Rio de Janeiro (RJ)
Tels: (21) 3278-8069 / 3278-8419
www.altabooks.com.br – altabooks@altabooks.com.br
Ouvidoria: ouvidoria@altabooks.com.br

Editora
afiliada à:
 ASSOCIADO 



ALERTA DE CONTEÚDO

No Jogo é uma comédia romântica dark com temáticas sensíveis. Aconselha-se cautela, já que este livro contém:

- | | |
|---|---|
| <i>Jogatina</i> | <i>Ambiente hospitalar</i> |
| <i>Uso de álcool e drogas</i> | <i>Abuso infantil e negligência (lembração)</i> |
| <i>Agulhas (tatuagem)</i> | <i>Traumatismo craniano</i> |
| <i>Clube de sexo</i> | <i>Trapaça (lembração)</i> |
| <i>Menção à Máfia e seus crimes</i> | <i>Assassinato (discussão)</i> |
| <i>Menção a assassinos em série</i> | <i>Sequestro</i> |
| <i>Insegurança alimentar</i> | <i>Atropelamento e fuga</i> |
| <i>Restrição alimentar</i> | <i>Sexo explícito (incluindo vários parceiros e anal)</i> |
| <i>Chantagem</i> | <i>Cum play</i> |
| <i>Bullying, coerção e ameaças</i> | <i>Brat play</i> |
| <i>Doença crônica e dor</i> | <i>Negação de orgasmo e limites</i> |
| <i>Violência</i> | <i>Morte de um dos pais</i> |
| <i>Descrição de acidente de carro (lembração)</i> | |
| <i>Amputação e discussão da cirurgia</i> | |



Amostra

*Para quem tem atração por homens
mesmo sem querer.*

Amostra



Amostra



NOTA DA AUTORA

A protagonista, Stella, tem gastrite crônica e a representação dessa condição é algo profundamente pessoal para mim, já que eu compartilho do mesmo diagnóstico. A experiência dela com a doença reflete a minha, incluindo os sintomas e os gatilhos. Tenha em mente durante a leitura que nem toda doença crônica se manifesta ou progride da mesma forma para todos, e que estou apenas retratando a minha própria realidade.

Amostra



TYLER

UM MILHÃO DE DÓLARES. É o que eu posso faturar hoje à noite se a festa continuar nesse ritmo.

Eu ainda não conseguia acreditar que tinha feito acontecer. Semanas de planejamento, dezenas de milhares em custos e um número incalculável de leis violadas — tudo para organizar uma noite de jogatina de alto nível a bordo de um cargueiro abandonado que apodrecia no velho porto. Era o último lugar onde alguém pensaria em procurar uma festa ultraexclusiva para a elite da cidade, e exatamente por isso era perfeito.

Um grito estrondoso explodiu no meio da multidão. Todos usavam máscaras para proteger o anonimato, inclusive a equipe, mas, como mestre de cerimônias, eu sabia exatamente quem era cada um ali. Olhei para o lado e vi uma loira num vestido de gala escarlate pulando de alegria. Ela deve ter tirado a sorte grande, o que era ótimo para ela e para mim.

Como agenciador de apostas organizando essa festinha, minha parte era dez por cento de todos os ganhos. E embora um milhão de dólares pareça muita grana, depois de todas as propinas e pagamentos, eu teria sorte se me sobrasse um terço disso, e a maior parte seria reinvestida na minha próxima noite de jogo.

Mas valia a pena. O dinheiro de verdade estava nos juros. Se algum dos nossos jogadores ficasse sem fundos, nós, a casa,

gentilmente fornecíamos os meios para que continuasse jogando. Mediante uma taxa, claro. Era um valor baixo o suficiente para ser atraente, o anzol perfeito para fisgar os desavisados. Só depois de morderem a isca é que percebiam o quanto essa taxa acumulava se não nos pagassem no prazo.

Meu olhar varreu o restante da sala, uma câmara cavernosa que antigamente era um compartimento de carga. Agora, mais de duas dúzias de mesas ocupavam o espaço; algumas cobertas por toalhas de linho branco ostentando travessas de pratos gourmet, outras cercadas por apostadores em vestidos e ternos de grife. Um bar havia sido montado na parede ao fundo, e garçons circulavam entregando coquetéis de primeira linha. Uma luz suave filtrava-se dos lustres, brilhando em joias e taças de champanhe de um jeito que dava à cena uma qualidade onírica.

Suspirei, pensando na guerra de superação que eu travava comigo mesmo. Hoje foi um triunfo, a festa para acabar com todas as festas. Mas, da próxima vez, eu teria que bolar algo ainda melhor, ainda mais inesperado e emocionante. Minhas festas *tinham* que continuar sendo o entretenimento mais cobiçado e difícil de conseguir da cidade. Os ricos, eu havia aprendido, eram como crianças mimadas, distraíndo-se facilmente com qualquer objeto novo e brilhante, e era preciso muito para mantê-los implorando por um lugar às minhas mesas.

E pensar que tudo isso começou no meu dormitório da faculdade. Eu era um estudante de finanças e administração quebrado pra caralho, tentando ganhar uma grana para a mensalidade e não ter que largar o curso. Sempre fui bom com números e reconhecimento de padrões, então as cartas eram fáceis para mim. Meu cérebro *sabia* intuitivamente quais cartas sobravam no baralho sem que eu precisasse contá-las de forma deliberada.

No início, minhas noites de pôquer eram pequenas, apenas eu e quem eu conseguisse convencer a jogar. A maioria não voltava depois de perder repetidamente para mim, e achei que estava frito, que meu esquema de ganhar dinheiro tinha acabado antes mesmo de começar. Mas então surgiram boatos de que eu era imbatível, e logo todo aspirante a profissional de pôquer e gênio da matemática clamava para entrar nos jogos, me rendendo dinheiro suficiente para afastar o pânico financeiro.

Uma aula sobre empreendedorismo plantou a semente de que poderia haver um dinheiro mais estável *por trás* da mesa, gerenciando os jogos como um negócio. Abri as portas para todos os níveis de apostadores, de jogadores experientes a novatos tentando a sorte pela primeira vez. Então, duas coisas aconteceram ao mesmo tempo: o pessoal da faculdade descobriu que meu melhor amigo, Josh, era filho de um notório assassino em série e a reitoria ficou sabendo dos meus jogos. Então nos mudamos para a cidade para recomeçar. Mudei de faculdade, mas Josh largou os estudos para se tornar hacker profissional, porque era um programador melhor do que qualquer um de seus professores.

Deixei os jogos para trás, terminei o último ano e fui trabalhar com finanças corporativas após a formatura. Mas bastou um ano para eu perceber que odiava aquilo. Odiava ter que me vestir de terno para trabalhar com um bando de merdas que tratavam *O Lobo de Wall Street* como um manual de instruções. Odiava meu salário de iniciante que mal cobria o custo de vida, porque *sabia* que havia maneiras melhores (e mais fáceis) de ganhar dinheiro. Além disso, era chato pra caralho. Sem desafios. E meu chefe era um completo idiota que conseguiu o cargo por nepotismo, não por mérito — mais um lembrete de por que sempre detestei os ricos.

Pedir demissão me permitiu voltar aos velhos hábitos. Comecei outra noite de pôquer, construindo tudo do zero novamente. Desta vez, me permiti pensar grande. Eu não estava nisso apenas por dinheiro. Tinha um objetivo: vingança. Um alvo a perseguir. Cada jogo avançava minha agenda, mas esta noite, em particular, era um passo gigante para me deixar mais perto *dele*.

Outro grito soou de uma mesa de blackjack ali perto. Desta vez foi um negociante de arte que venceu. À sua esquerda, um gestor de fundos de hedge olhava com inveja. À sua direita, um chefão do crime deu-lhe um tapinha de parabéns nas costas.

Desviei o olhar e ajustei minha máscara. Era preta, com detalhes em joias verdes e moldada para parecer um demônio, com buracos de olhos sinistros e chifres retorcidos. Talvez fosse exagero, mas já que fui descrito como a encarnação do demônio mais de uma vez na vida, achei que o simbolismo serviria como um bom lembrete aos meus clientes de que não era inteligente mexer comigo.

Ajustei a máscara no lugar e fui em direção a um trio de mesas de pôquer perto da caldeira do navio. Sentado à mesa central, de costas para mim, estava um moleque de vinte anos que não tinha o menor direito de estar ali.

Blake McCormick.

Ele era herdeiro de uma das maiores fortunas da cidade. Eu o tinha colocado com os melhores jogadores de pôquer presentes e, se tudo estivesse indo conforme o plano, ele estava sendo muito bem servido pelos barmen. Também instruí o crupiê a informar Blake que, se ele se excesses e ficasse sem dinheiro, a casa ficaria feliz em lhe emprestar mais.

O crupiê e eu trocamos olhares, e o homem acenou discretamente para mim em confirmação. Eu sorri. O garoto já estava acumulando uma dívida, e a noite ainda era uma criança. Quem sabia quanto ele me deveria quando tudo terminasse? Meio milhão? Mais? Fosse qual fosse o valor, era uma dívida que eu planejava explorar ao máximo.

Porque Blake tinha uma irmã mais velha que faria absolutamente qualquer coisa para protegê-lo, e ela seria minha porta de entrada. Meu meio para um fim. *Ela* me levaria direto até *ele*. Meu pai. O homem que eu vim procurar nesta cidade. O homem que eu vim destruir desta cidade.

Vejo você em breve, Stella, pensei, sorrindo para mim mesmo enquanto outra salva de gritos se erguia da multidão.



STELLA

A LOJA ESTAVA SILENCIOSA ÀQUELA HORA DA MANHÃ, sem o zumbido das máquinas de tatuagem ou o papo furado dos meus colegas de trabalho.

Silenciosa demais.

Isso dava espaço para os pensamentos borbulharem. Pensamentos do tipo: as contas de luz vão subir de novo este mês? Por que diabos a palavra “Ohio” agora é um xingamento? E será que aquela pinta na minha coxa vai virar um câncer de pele e me matar?

Conectei o celular ao sistema de som e coloquei minha *playlist* favorita para abafar meu monólogo interno. Uma música suave e sinistra saiu dos alto-falantes — notas cheias de saudade, arrependimento e memórias de tempos mais felizes. Elayne, outra artista que trabalha comigo, disse que parecia a marcha fúnebre de uma solteirona vitoriana. Ela ficou confusa quando eu agradei o comentário.

A música combinava com a decoração da loja: sombria, gótica. Itens antigos emoldurados nas paredes, animais emplastados vintage dividindo espaço com bustos romanos e plantas exuberantes nas prateleiras. Nas áreas comuns, tapetes grossos suavizavam o chão de cimento, com poltronas e sofás de couro macio amontoados sobre eles. Era um estilo maximalista, um

banquete para os olhos. Os clientes novos viviam me dizendo que não sabiam para onde olhar primeiro. Os clientes antigos adoravam descobrir novas curiosidades enquanto esperavam pelo seu horário. Tinha virado uma espécie de jogo: eu ficava trocando as peças de lugar só para ver quem seria o primeiro a notar a novidade.

Levei meu café da manhã e o notebook para a área de estar e me encolhi no meu cantinho de sempre. Às vezes, ainda não conseguia acreditar que este lugar era meu. Que eu tinha criado o estúdio de tatuagem dos meus sonhos a partir do que antes era apenas um cubo de concreto sem vida. Deu um trabalho absurdo, horas intermináveis de planejamento e esboços, além das brigas com empreiteiros quando eles tentavam me extorquir qualquer centavo. Houve momentos em que senti que nunca ficaria pronto, que eu fracassaria nisso como fracassei em todo o resto — inconstante demais para aguentar firme, fraca demais para ir até o fim. Mas, de alguma forma, eu perseverei por todo aquele ano infernal e estressante, e a recompensa de estar sentada aqui, olhando para o que conquistei, fez tudo valer a pena.

Tomei um gole de café antes de deixá-lo de lado para pegar meu notebook. A loja só abriria daqui a algumas horas, e eu costumava passar esse tempo criando. Todas as minhas tatuagens eram desenhadas à mão e exclusivas. Eu era uma neo-tradicionalista, mesclando estilos vintage e modernos. Minha especialidade era o traço marcante e cores vibrantes com um toque de ilustração lúdica, tipo o encontro da *art nouveau* com o *Studio Ghibli*. O estilo não era para todo mundo, mas quem amava, *amava de verdade*.

Vinha trabalhando no meu ofício há anos. Eu era boa no que fazia, e minha agenda lotada provava isso. Hoje, eu tinha três tatuagens e duas consultas agendadas, e embora possa não parecer muito para um leigo, *era*. Uma das tatuagens era pequena e não levaria muito tempo, mas as outras duas eram bem mais complexas. Eu teria oito horas de tatuagem pela frente e já conseguia sentir as pontadas de rigidez nas costas só de imaginar. Eu precisaria de vários analgésicos e uma bolsa de água quente hoje à noite — mas, de novo, valia a pena.

Um barulho na porta da frente me fez levantar a cabeça.

Esta parte da cidade estava em ascensão. Ou seja, havia tantas partes boas quanto ruins, e a ameaça de invasões era real. As cortinas estavam

fechadas, então eu não conseguia ver quem estava lá fora, mas não estava preocupada. No lugar de vidro, as janelas eram de policarbonato inquebrável. Cada centímetro da loja (dentro e fora) tinha câmeras, e eu instalara fechaduras comerciais de grau 1 em todas as portas. Era difícil *pra caralho* invadir este lugar.

Confiando nas minhas medidas de segurança, voltei a desenhar.

A porta foi escancarada.

— *Porra!*

Dei um pulo, agarrando uma urna próxima para usar como um porrete improvisado, bem na hora em que minha mãe entrou. Ela tinha sessenta e cinco anos, mas parecia muito mais jovem, graças a uma combinação de genética e dinheiro para pagar pelos melhores tratamentos estéticos e de cuidados com a pele do mercado. Alta e elegante, usava um vestido bordado verde-caçador de comprimento médio que provavelmente custava o mesmo que um sedan usado. Seu cabelo preto azeviche caía solto pelas costas. Ela calçava saltos agulha de sola vermelha. Em uma das mãos, carregava uma bolsa Hermès personalizada e as chaves que eu agora me arrependia de ter dado a ela. Na outra, ela segurava... um abajur?

— O que você está fazendo, mãe?

Ela soltou um gritinho e girou em minha direção, agarrando o próprio peito.

— O que *eu* estou fazendo? O que *you* está fazendo aí, parada no escuro feito uma pervertida?

Minha mãe era originalmente da Inglaterra, mas vivia nos Estados Unidos há tempo suficiente para que seu sotaque se transformasse em uma mistura estranha de britânico refinado com americano esnobe — algumas vogais adicionadas, outras cortadas. Por causa disso, pervertida acabou soando mais como *pearvertida*, e apesar da minha irritação, quase sorri. Meu irmão mais novo, Blake, e eu íamos nos divertir chamando um ao outro de *pearvertidos* quando eu contasse isso para ele.

— Achei que alguém estava tentando assaltar a loja — falei.

— E você ia fazer o quê? Matar a pessoa de susto? — A expressão da minha mãe mudou para preocupação. — Querida, você não está usando hidratante? Você parece bem cadavérica sob esta luz.

A vontade de sorrir sumiu. Ergui a urna.

— Meus planos estavam mais para um traumatismo craniano. O que você está fazendo aqui?

Ela apontou para o abajur.

— Eu vi isso em um antiquário no centro e pensei no lugar perfeito para ele.

— Não dava para esperar a gente abrir antes de aparecer aqui sem avisar?

Isso me rendeu um revirar de olhos exagerado.

— Ai, por favor, Stella. Ao contrário de você, o resto de nós não tem tempo para ficar largada de moletom sujo a manhã inteira. Tenho um café da manhã de negócios, um dia inteiro de trabalho e, depois, um jantar beneficente para crianças carentes. E se eu não desse um pulinho aqui desse jeito, nunca te veria.

Ela deu meia-volta e andou até o balcão da recepção como se fosse a dona do lugar. Parei um momento para olhar para mim mesma. Que droga, devo ter deixado cair café no meu moletom em algum momento. E não, eu ainda não tinha passado hidratante. Tinha que ser a minha mãe para apontar todos os meus fracassos matinais em menos de dois minutos depois de bater os olhos em mim.

Suspirei e fui atrás dela. Minha mãe cresceu em um lar cruel e implacável, onde elogio era palavrão e afeto não existia. Apesar de todos os seus anos de terapia, ela ainda se sentia profundamente desconfortável com demonstrações de carinho e usava o esnobismo como armadura. Especialmente quando se sentia vulnerável ou negligenciada — o que claramente era o caso, a julgar por aquele último comentário. Em vez de dizer isso abertamente, ela vinha pelas beiradas, me cutucando porque não conseguia admitir o quanto se importava e se preocupava comigo constantemente, como qualquer pai ou mãe.

Em vez disso, os sinais de que ela me amava eram mais sutis, vistos na forma como ela tentava pagar meu aluguel escondido ou aparecia na loja do nada com alguma desculpa qualquer para estar ali. Hoje era o abajur; duas semanas atrás era porque ela “estava na área”.

Então, sim, minha mãe era uma esnobe completa com toneladas de traumas de infância que ainda tentava resolver, e nós tínhamos um relacionamento complexo. Mas eu a amava, e ela seria a primeira pessoa

a quem eu recorreria se algum dia me metesse em um problema de verdade. De novo.

Ela colocou o abajur no balcão da frente, de costas para mim enquanto ajustava sua posição.

Usei a distração momentânea contra ela, passando meus braços em volta de sua cintura fina e dando-lhe um abraço rápido.

— Também senti sua falta.

Ela começou a enrijecer, e eu me afastei antes que ficasse desconfortável demais.

— Sim, bem, não há necessidade de ficar excessivamente emotiva com isso — disse ela, mas eu sabia que ela havia sido apaziguada. Ela colocou o abajur ao lado do monitor do computador e recuou. — Não deixe ninguém colocar as mãos imundas nisso. É um Tiffany.

Quase engasguei.

— Você está tentando fazer com que eu seja assaltada?

Ela acenou com a mão, os anéis cravejados de joias brilhando na penumbra.

— Duvido que qualquer um desses vândalos com quem você trabalha consiga perceber que é verdadeiro. Ah, falando nisso... — Ela tirou um cartão de visitas da bolsa. — Entregue para Elayne. É de um advogado de direitos do inquilino que seu pai e eu conhecemos outra noite. Contei a ele sobre o senhorio terrível dela. Ele acha que tem fundamento e concordou em assumir o caso *pro bono*.

Aceitei o cartão. Era grosso, com textura e discreto. Meus olhos se arregalaram ao ler o nome do escritório — era um dos mais prestigiados da cidade.

Balancei a cabeça. Minha mãe podia ser excêntrica, distante e pretensiosa pra caralho, mas por baixo daquilo tudo havia um coração de ouro. Aquele jantar beneficente que ela mencionou? Eu não tinha dúvida de que ela fazia parte do conselho da instituição, que tinha organizado o jantar de hoje sozinha, coagido todos os seus amigos ricos a comparecerem e que, basicamente, manteria todos como reféns até que atingissem qualquer meta absurda de arrecadação que ela tivesse definido para a noite. E depois ainda iria atrás de cada centavo doado, garantindo que o dinheiro chegasse primeiro a quem mais precisava.

Minha mãe esticou o braço como se estivesse prestes a me puxar para outro abraço e eu fiquei imóvel, sem querer assustá-la. Ela hesitou, encontrou meus olhos e deu um sorriso de lábios cerrados enquanto, em vez disso, dava um tapinha no meu ombro.

— Você ainda vem para o aniversário da Tippi?

— Não perderia por nada no mundo. — Tippi era a pet da família, uma *bichon frisé* ancestral meio cega, totalmente surda e ainda mais esnobe do que a mulher à minha frente.

Minha mãe me analisou mais uma vez, fazendo uma careta.

— Você não vai... usar isso no resto do dia, vai?

Apontei para a porta.

— Fora.

Ela abriu a boca, mas eu ergui a urna e a sacudi de forma ameaçadora.

Sabidamente, ela se dirigiu à saída, mas levou o tempo que quis, só para garantir que eu soubesse que aquela era uma escolha dela. Na porta, ela parou, com o rosto tenso.

— Eu vi a Maddie este fim de semana, na festa anual de verão da tia dela.

Fiquei rígida; o nome foi como um tapa.

A expressão da minha mãe ficou sombria.

— Ela perguntou por você.

— Por quê? — indaguei, um mal-estar subindo pela minha espinha.

Ela deu de ombros.

— Audácia?

— Ela finalmente está pronta para assumir a responsabilidade pelo que fez?

A risada da minha mãe foi sem humor, toda a resposta de que eu precisava.

— É, foi o que eu pensei — falei. — Até que ela finalmente conte a verdade, eu e ela não temos nada para dizer uma à outra.

— Eu te contei porque, se ela é ousada o suficiente para falar comigo, pode ser ousada o suficiente para procurar você. E não estou dizendo que deve perdô-la...

— Não existe perdão para o que ela fez — soltei com desprezo.